

Terra *flâneuse*: sobre o discurso literário do espaço movediço

Rogério de Melo Franco

Resumo:

O espaço pode ser concebido como coincidência de numerosos espaços (na expressão de M. Foucault, heterotopia). Enquanto espaço simbólico, a terra não seria, portanto, fixa: à guisa dos planetas (*plan t s*, errante) ou dos *flâneurs*, estaria submetida ao movimento – seja deslocamento físico ou, naturalmente, mental/espiritual. Nesse sentido, a ideia da terra como passagem deve ser recordada desde formulações bastante recuadas: já entre os Antigos, alguns lugares da geografia grega seriam investidos alegoricamente da propriedade da passagem (para outro mundo). Não por acaso, a concepção do espaço sobreposto por outros espaços é presente nos teóricos da chamada virada espacial e enriquece o pensamento sobre a terra. Será nossa oportunidade apreciar alguns autores, como Haroldo de Campos, a partir do modelo geomórfico de Dante (já chamado por Auerbach de “poeta do mundo da terra” – uma tradução possível para „*Dichter der irdischen Welt*”). A terra sempre foi um horizonte persistente do literário; no entanto, a prevalência de abordagens historicistas da modernidade (tirantes exceções dignas de nota) operou um evidente recalque do espacial na crítica e na teoria. Supomos que o pensamento espacial do literário possa perseguir abordagens interessantes para o nosso tempo: trata-se da terra múltipla e movediça presente, por exemplo, n’*A Máquina do Mundo Repensada*, de Haroldo de Campos e em *Écologiques*, de Michel Deguy.

O geógrafo Edward Soja recorda um depoimento de Michel Foucault: durante uma palestra que o filósofo francês ministrou para arquitetos e urbanistas, um membro da plateia (um psicólogo sartreano) questionou a natureza política da conferência, argumentando que o espaço seria reacionário e conservador; a história e o devir, diferentemente, seriam revolucionários¹. O recalque do espaço frequentemente associa o tempo à revolução, à complexidade e ao mistério, em contraste com o espaço, que seria, como seu antípoda, fixo, simples e evidente.

Nesta ocasião, caso houvesse um mapa de trajetória, ele indicaria que o destino proposto aqui será pensar algumas elaborações literárias sob uma concepção espacial que procure abrir o pensamento sobre a Terra e a espacialidade para múltiplas perspectivas, mesmo que seja necessário desafiar a vigia de fronteiras disciplinares. Autores como

¹ Cf. SOJA, Edward W. *Postmodern Geographies: The Reassertion of Space in Critical Social Theory*. Nova York, Londres: Verso, 1989, p. 19 e *Thirdspace: Journeys to Los Angeles and other Real-and-Imagined Spaces*. Malden MA, Oxford OX, Carlton Victoria: Blackwell, 1996, p. 149. Soja comenta a experiência ocorrida na conferência de Foucault em ambas as obras.

Dante, Hölderlin, Mallarmé e John Berger, que produziram literatura embebida em reflexões sobre a Terra, serão úteis para pensar o trânsito entre espaço e literatura. Em seguida, uma luz possivelmente favorável aos nossos interesses poderá ser encontrada na inspiração em Baudelaire e em sua leitura benjaminiana do espaço e da *flânerie*. Finalmente, haverá a oportunidade de propor algumas considerações incipientes sobre a produção madura de Haroldo de Campos e de Michel Deguy.

Hölderlin, um poeta romântico alemão cultivado sobre a preceptiva antiga da Natureza, considerou em um de seus poemas: *dichterisch wohnt der Mensch / auf dieser Erde*² (“poeticamente habita o homem / nesta terra”). Os versos são importantes para a leitura que Heidegger faz da obra de Hölderlin e são retomados por Michel Deguy na obra *Écologiques*³. Habitar poeticamente a terra pode ser uma prática humana em pelo menos dois sentidos e um terceiro que deriva desses dois: I) dedicamo-nos à criação, *poiésis*, enquanto habitamos a terra; II) estendemos a poesia à própria existência na terra; III) poetizamos/produzimos (*poiésis*) a terra. O pensador da espacialidade Lefebvre, em *La Production de l'espace*⁴, defendeu a ideia de uma produção social do espaço: conseqüentemente, talvez pudéssemos figurar uma produção poética do espaço. Como sugere a geocrítica literária de Bertrand Westphal⁵, é possível redobrar o esforço teórico pelo entendimento da terra; acrescentaríamos que em sua densidade, na repleção de dobras, de devir, na saturação de diversos espaços que há em um mesmo espaço. Se os homens são capazes de “habitar poeticamente” (*dichterisch*), talvez possamos recordar a falsa etimologia de Ezra Pound segundo a qual *Dichtung*, poesia, é produto de densidade ou saturação (*Dichte*)⁶. Nesse sentido, o homem saturaria e poetaria a terra.

Michel Foucault observou a espacialidade como um aspecto essencial do exercício do poder. Um conceito afeto é a heterotopia, o espaço que se abre, o espaço que se multiplica para ser outro. A elaboração conceitual de seu estudo *Des espaces autres* chega a sugerir rudimentos de uma taxonomia heterotopográfica: uma das categorias compreenderia os “espaços outros” do desvio, tais como os albergues de sem-teto, as prisões e os hospitais psiquiátricos, que são alguns dos lugares usuais do investimento intelectual de Foucault; mais interessantemente, seu texto apresenta também a categoria

² HÖLDERLIN, Friedrich. „In lieblicher Bläue“ apud HEIDEGGER, Martin. *Vorträge und Aufsätze*. Parte 2. Tübingen: Neske, 1967, p. 61-78.

³ DEGUY, Michel. *Écologiques*. Paris: Hermann Éditeurs, 2012.

⁴ LEFEBVRE, Henri. *La Production de l'espace*. Paris: Anthropos, 1974

⁵ WESTPHAL, Bertrand. *La Géocritique*. Réel, fiction, espace. Paris: Les Éditions de Minuit, 2007.

dos “espaços outros” da crise. Entre essas heterotopias estariam os lugares reservados às mulheres menstruadas, aqueles destinados aos adolescentes, os internatos de séculos passados e também os asilos de idosos, em sua decisiva crise biológica.

A mais importante função dos espaços outros seria justamente a ideia de serem outros: as heterotopias reais projetam espaços diferentes por compensação e funcionam como outros dos espaços comuns. Podem, por exemplo, construir ordem e arranjo onde o espaço comum é confuso e babélico – ou acompanhar uma heterocronia, um tempo outro, simétrico à heterotopia (ouvimos aqui os ecos das concepções polirrítmicas e sísmicas de tempo em Burckhardt e Warburg). Os modelos heterotópicos de séculos recentes informados por Foucault incluem verdadeiros *alephs* da modernidade, como as feiras universais, os parques como a Disney World e, naturalmente, as célebres passagens parisienses.

As passagens são fonte de reflexão para um representante da virada espacial da teoria alemã, *topologische Wende*. As contribuições de Walter Benjamin para a teoria da História são conhecidas, mas talvez possa ser útil revisitar algumas de suas formulações sobre a espacialidade do tempo. As passagens de Paris seriam como um passado espacializado, uma memória-espaço. Sigrid Weigel, em seu livro sobre imagem espaço-corporal, recorda com Benjamin que já os Antigos haviam mapeado na geografia grega alguns lugares investidos alegoricamente da propriedade da passagem (para o submundo)⁷. Semelhantemente, alguns espaços contemporâneos poderiam fazer, num *flash*, os sonhos se abrirem à consciência despertada. Na *flânerie*, considerou Benjamin, nessa prática do burguês ocioso, “os distantes – quer sejam nações ou épocas – surgem na paisagem e no instante presente”⁸. Parece então interessante pensarmos numa heterotopografia da *flânerie*.

Auerbach, em seu estudo sobre Dante, dedica-se acentuadamente à geografia dantesca da Terra, do Inferno, do Purgatório e do Paraíso. Uma tradução comum do livro, *Dante, Poeta do mundo secular*, parece vítima de um impensado historicismo linguístico ao traduzirmos, através de uma catacrese temporal (o mundo “secular”), uma expressão potencialmente geográfica, *irdisch*. *Dante als Dichter der irdischen Welt* faz referência à terra: *irdisch* possui as acepções “terrestre”, “terreno” ou “da terra”. Se Dante, como

⁶ POUND, Ezra. *ABC of Reading*. Nova York: New Directions, introdução de Michael Dirda, 2010, p. 36.

⁷ WEIGEL, Sigrid. *Body- and Image-space: Re-reading Walter Benjamin*. Londres: Routledge, 1996.

esclareceu Auerbach, poetiza o mundo da terra através de uma poesia do pós-vida, é porque, poeticamente, no caminho de sua vida, o caminhante se viu perdido na selva escura da heterotopia⁹. A ideação topográfica de Dante, sua geografia humana do além, é também outros espaços, incluindo a Terra.

No Brasil, em 2013, testemunhamos a convulsão popular em torno do direito ao deslocamento justo sobre a malha urbana, assim como o conflito entre interesses etnocêntricos e populações tradicionais nativas recai também sobre a utilidade da terra. Se há política na aberta defesa da reforma agrária francesa por Lefebvre, no apoio de Michel Deguy aos sem-terra brasileiros, nos sertões sublevados de Euclides da Cunha e de Guimarães Rosa, é possível entendermos também a própria *flânerie* sob a perspectiva da política, na direção que Baudelaire e Zola insinuaram. Robert Tally, um estudioso da representação espacial na literatura, nomeou um capítulo de seu livro *Spatiality* com a tópica “The Long Poem of Walking”¹⁰, o longo poema do caminhar. Poderíamos frisar aqui uma interpenetração estético-política. Diríamos que o caminho do flaneur rejeita a utilidade do espaço submisso à criação de bens e serviços, a função do deslocamento sob a fórmula do *métro boulot dodo* de maio de 1968. John Berger, considerando a técnica divinatória, advoga a alteração de nosso oráculo:

“profetizar [*prophesy*] agora envolve uma projeção geográfica, mais que histórica; é o espaço, não o tempo, que esconde consequências de nós. Para profetizar hoje é apenas necessário conhecer os homens como eles são pelo mundo em toda sua desigualdade. Toda narrativa contemporânea que ignore a urgência dessa dimensão está incompleta e adquire o aspecto simplificado de uma fábula”¹¹.

Apesar do tom prescritivo, é interessante que Berger considere que a literatura deva se afastar do historicismo. Na disparidade inscrita como uma profecia na terra está em jogo aquilo que, quase eufemisticamente, a geografia chamou “diferenciação areal” e pelo menos desde a “revolução permanente” de Trotsky denomina-se desenvolvimento desigual

⁸ CANTINHO, Maria João. *Modernidade e Alegoria em Walter Benjamin*. Texto on-line visitado em 10/06/2013: <http://www.revista.agulha.nom.br/ag29benjamin.htm>

⁹ Se quisermos refletir sobre a amplitude da riqueza heterotópica que há nas elaborações ficcionais, cf. WESTPHAL (op. cit) p. 107.

¹⁰ Cf. “The Long Poem of Walking” in TALLY, Robert T., Jr. *Spatiality*. Abingdon, Oxon e Nova York: Routledge, 2013, p. 128-132.

– com numerosas atualizações. Berger¹² nos recorda aquilo que Gilles Deleuze não se cansou de repetir: *le devenir est géographique* (“o devir é geográfico”).

Michel Deguy e Haroldo de Campos

O livro de Haroldo de Campos *A Máquina do Mundo Repensada* pode, com alguns argumentos, ser considerado o último grande poema do autor. Seu falecimento, poucos anos mais tarde, concluiu uma biografia intelectual conhecida no Brasil. *A Máquina Repensada* homenageia alguns pilares de seu discurso crítico; os mais evidentes são Mallarmé, Dante Alighieri, Camões e Carlos Drummond de Andrade. Na narração de uma viagem pela natureza cósmica e pela cultura, o poeta se concentra nas belezas siderais como um *cicerone* através de um museu de constelações. Enquanto guia ou curador do cosmo, Haroldo articula os corpos celestes aos feitos humanos, ocupando-se do fenômeno do manto da cultura que recai sobre a natureza e vice-versa. Campos desenvolve um poema que liga a terra ao cosmos e reverbera tacitamente a recomendação de Mallarmé, o poeta das constelações, sobre a tarefa última do poeta: *L'explication orphique de la Terre [...] est le seul devoir du poète et le jeu littéraire par excellence* (“A explicação órfica da Terra é o único dever do poeta e o jogo literário por excelência”)¹³.

Na heterotopia de Foucault que já mencionamos, os espaços outros possuem frequentemente rituais de abertura e fechamento. A narrativa haroldiana se inicia com uma rememoração do ritual do homem peripatético, o flanador ou *planetés* (errante) presente do Dante da *Commedia* ao Drummond de *A Máquina do Mundo* e um grande número de outras obras de diversas tradições.

A memória do espaço é maquinada durante a *flânerie* no sertão de Haroldo. A dialética de Lefebvre e o *thirdspace* se espraiam na *terza rima* reminiscente da terra dantesca, de passagens outras e espaços outros. Como no *Aleph* de Borges (presente no texto de Campos e uma grande referência para Soja), nos umbrais das galerias de Paris ou na rua pedregosa de Minas, o espaço alcança outros lugares, a terra flana e se identifica com outras terras. Nesse sentido, é importante lembrar que foi celeberrimamente postulado por Baudelaire que o flanador seria irredutível a si mesmo, porquanto insaciável de não-eu:

¹¹ In SOJA, *Postmodern Geographies*, op. cit., p. 22.

¹² Idem, p. 51

[O flânador] faz do mundo sua família, como o amante do belo sexo compõe sua família de todas as belezas encontradas, encontráveis e inencontráveis. [...] É um eu insaciável de não-eu [*un moi insatiable du non-moi*] ¹⁴.

Da mesma forma que o amante compõe sua família de todas as belezas encontráveis e inencontráveis, o *flâneur* não se saciaria da alteridade. Logo, se o *thirdspace* de Soja é o lugar encontrável e inencontrável (*real-and-imagined spaces*), isso também serve para o flânador de Baudelaire. Se a heterotopia é a justaposição do espaço a seu outro, seria a justaposição de um espaço ao não-eu desse espaço. Baudelaire ainda compara aquele que flana a um espelho, exemplo máximo de Foucault para o espaço heterotópico por potencialmente conter, em superfície, seus outros de maneira infinita. Na direção sugerida por Baudelaire, diríamos que o flânador se confunde com seus caminhos e suas galerias.

O tema principal de Haroldo de Campos são lugares fisicamente distantes, onde Fernão de Magalhães e Vasco da Gama não ancoraram suas naus. Porém, recordemos com Benjamin que na *flânerie* “os distantes surgem na paisagem e no instante presente”. Ademais, as nebulosas e os buracos negros, com seus horizontes de eventos, estão em constante colonização pela cultura. Nesse sentido, distanciar-se anos-luz é também aproximar-se da Terra e de sua poética habitação, através da imaginação e da realidade. O fragmento de Benjamin chamado *Zum Planetarium*, “A Caminho do planetário”, em *Rua de mão única*, desenvolve reflexões próximas de *A Máquina Repensada*, inclusive relativamente à pequenez da natureza terrestre na composição cósmica: “O calafrio da genuína experiência cósmica não está ligado àquele minúsculo fragmento de natureza que estamos habituados a denominar ‘Natureza’” ¹⁵.

A relação com as ciências astrofísicas e astronômicas também é um aspecto comum às reflexões do filósofo alemão e o do poeta brasileiro. Se Campos funde os dados de Einstein aos dados de Mallarmé [Einstein dizia: “deus não joga dados”/ - do aleatório

¹³ MALLARMÉ, Stéphane. *Oeuvres ouvertes*: Autobiographie: Lettre à Verlaine. Projeto on-line de divulgação literária visitado em 5/06/2013: <http://www.oeuvresouvertes.net/spip.php?article743>

¹⁴ BAUDELAIRE, Charles. *Le Peintre de la vie moderne*. III – L’artiste, homme du monde, homme des foules et enfant. Texto on-line visitado em 5/06/2013: http://fr.wikisource.org/wiki/Page:Baudelaire_-_L%27Art_romantique_1869.djvu/75

¹⁵ “A Caminho do Planetário” in BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*, v. II, *Rua de mão única*, trad. de R.R. Torres F. e J.C.M. Barbosa, São Paulo: Brasiliense, 1987.

(desse acaso-esfinge / *chance zufall hasard*) tinha cuidado /o seguidor de maxwell poincaré/posto no oblivion por antecipado/à física do tempo: mallarmé/sabia (seu coetâneo) que ao azar/jamais abolirá *un coup de dés*¹⁶], Benjamin sugere que algo além da ciência atrai os homens à explicação da *physis*:

Nada distingue tanto o homem antigo do moderno quanto sua entrega a uma experiência [*Erfahrung*] cósmica que este último mal conhece. O naufrágio dela anuncia-se já no florescimento da astronomia, no começo da Idade Moderna. Kepler, Copérnico, Tycho Brahe certamente não eram movidos unicamente por motivos científicos [*wissenschaftlichen Impulsen*]¹⁷.

Benjamin declara que, caso devesse expressar a doutrina antiga resumidamente, de pé sobre apenas uma perna, a frase seria: *Denen allein wird die Erde gehören, die aus den Kräften des Kosmos leben*¹⁸ (“A Terra pertencerá unicamente àqueles que vivem das forças do cosmos”). A máxima nos recupera o vínculo da Terra com incalculáveis outros espaços, pertencentes à extensão cósmica.

Se o livro arquitetado de Mallarmé reverbera na Máquina de Haroldo, as divagações de Mallarmé ecoam nos poemas críticos de *Écologiques*, trabalho recente de reflexão poética e filosófica de Michel Deguy. Suas divagações orbitam em torno do geocídio, um neologismo criado a partir do genocídio – particularmente a destruição narrada por Hilberg (*The Destruction of the European Jews*). No vocabulário de Foucault, o geocídio seria subsumido à categoria das heterotopias da crise: como o estado terminal da vida humana, o geocídio tem muitos sintomas críticos. Entre eles estaria a globalização ou mundialização, reinterpretando o sintagma de Heidegger *die Welt weltet*: o mundo mundeia.

Quando trata da coincidência entre terra e mundo, Deguy orienta suas *Écologiques* na direção das *Bucólicas* de Virgílio e é relevante a alteração anagramática que existe entre uma perspectiva *égocentré*, e uma *géocentré*, no dizer de Westphal. A força ecumênica,

¹⁶ CAMPOS, Haroldo. *A Máquina do mundo repensada*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

¹⁷ Acrescentamos entre colchetes as lexias originais quando essas nos pareceram interessantes como paralelo ou contraste. Cf. “Zum Planetarium” in BENJAMIN, Walter. *Werke und Nachlass*. Herausgegeben von Detlev Schöttker unter Mitarbeit von Steffen Haug. Volume 8 – *Einbahnstrasse*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2009, p. 75-76.

¹⁸ Idem, p. 75.

cuja raiz está também na ecologia, globaliza a casa, *oikós*. Isso remonta à *flânerie* de Baudelaire, para quem o caminhante sempre se sente em casa (*Être hors de chez soi, et pourtant se sentir partout chez soi*, “estar fora de casa e, todavia, sentir-se em casa em todo lugar”).

Para Deguy, os grandes desastres recentes, como Fukushima, figuram como segredos que emergem de dentro da casa: *Geheimnis*, a palavra alemã para segredo, possui a ideia da casa inscrita internamente – como Berger formulou: *it is space, not time, that hides consequences from us* – sem excluir as desigualdades (inclusive as de desenvolvimento e de oportunidade). O espaço doméstico, como outros espaços, Foucault concordaria, é um dos lugares ainda santificados, à diferença do tempo, programaticamente objeto da laicização transcorrida no século XIX.

A ameaça da perda do outro da terra, de sua mundialização potencialmente predadora, da perda da biodiversidade, pode representar também a ameaça de uma terra empobrecida. Como nosso percurso já insinuou, a abertura da terra à alteridade de si mesma pode ser um modo de habitá-la (Hölderlin), profetizá-la (Berger) e explicá-la (Mallarmé).

Deguy inclui, em seu livro sobre geopo-ética¹⁹ (*géopoethique*), um poema sobre o Brasil; antes dele, o autor recorda a questão agrária brasileira, ainda que infelizmente nomeie o movimento com outra língua ibérica, *sin-tierra*²⁰. Poderíamos concluir assim esta expedição inicial, que já incluiu alguns pensadores da emancipação, na encruzilhada do político e do estético. Diríamos que no horizonte da partilha do sensível estaria a partilha da terra, se mobilizarmos a expressão de Jacques Rancière; a infecundidade do oligopólio do discurso estético (assim como o oligopólio da terra) encontra paralelo na improdutividade propagada pelo discurso oligopolizado (e redutor) sobre a terra.

¹⁹ A aguda solução tradutória para o neologismo “poéthique” é de Marcos Siscar. Cf. SISCAR, Marcos. “Técnica e humanismo na poesia de Michel Deguy”. *Alea* vol.8 no.1 Rio de Janeiro Jan./June 2006. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2006000100002

²⁰ DEGUY, Michel. Op. cit. p. 40.

Referências Bibliográficas

BAUDELAIRE, Charles. *Le Peintre de la vie moderne*. III – L'artiste, homme du monde, homme des foules et enfant. http://fr.wikisource.org/wiki/Page:Baudelaire_-_L%27Art_romantique_1869.djvu/75.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*, v. II, Rua de mão única, trad. de R.R. Torres F. e J.C.M. Barbosa, São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. BENJAMIN, Walter. *Werke und Nachlass*. Herausgegeben von Detlev Schöttker unter Mitarbeit von Steffen Haug. Volume 8 – Einbahnstrasse. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2009.

CAMPOS, Haroldo. *A Máquina do mundo repensada*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004
CANTINHO, Maria João. “Modernidade e Alegoria em Walter Benjamin”
<http://www.revista.agulha.nom.br/ag29benjamin.htm>.

DEGUY, Michel. *Écologiques*. Paris: Hermann Éditeurs, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Le corps utopique suivi de Les hétérotopies*. Présentation de Daniel Defert. Paris : Nouvelles Éditions Lignes, 2009.

HEIDEGGER, Martin. *Vorträge und Aufsätze*. Parte 2. Tübingen: Neske, 1967.

LEFEBVRE, Henri. *La Production de l'espace*. Paris: Anthropos, 1974.

MALLARMÉ, Stéphane. *Oeuvres ouvertes : Autobiographie : Lettre à Verlaine*.
<http://www.oeuvresouvertes.net/spip.php?article743>.

POUND, Ezra. *ABC of Reading*. Nova York: New Directions, introdução de Michael Dirda, 2010.

SISCAR, Marcos. “Técnica e humanismo na poesia de Michel Deguy”. *Alea* vol.8 no.1
Rio de Janeiro Jan./June 2006:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2006000100002.

SOJA, Edward W. *Postmodern Geographies: The Reassertion of Space in Critical Social Theory*. Nova York, Londres: Verso, 1989.

_____. *Thirdspace: Journeys to Los Angeles and other Real-and-Imagined Spaces*. Malden MA, Oxford OX, Carlton Victoria: Blackwell, 1996.

TALLY, Robert T., Jr. *Spatiality*. Abingdon, Oxon e Nova York: Routledge, 2013.

WEIGEL, Sigrid. *Body- and Image-space: Re-reading Walter Benjamin*. Londres: Routledge, 1996.

**Anais do XIII
Congresso Internacional da ABRALIC
*Internacionalização do Regional***

**08 a 12 de julho de 2013
UEPB – Campina Grande, PB**

WESTPHAL, Bertrand. *La Géocritique*. Réel, fiction, espace. Paris: Les Éditions de Minuit, 2007.